

# Movimento pela memória contra obras no cemitério associado à matança de Badajoz

Carlos Dias

Os autarcas extremenhos querem substituir o muro actual, que se encontra em perigo de derrocada, por uma construção nova

● O movimento cívico português *Não Apaguem a Memória* pediu à Junta Regional da Extremadura para que sejam travadas as obras de construção de um novo muro em redor do cemitério de San Juan, local onde tiveram lugar fuzilamentos e a incineração de milhares de pessoas durante a Guerra Civil espanhola, que as tropas franquistas catalogavam de *rojos* (comunistas).

O estado de degradação que se está a verificar no muro que ladeia o tristemente célebre cemitério de Badajoz levou os autarcas do *ayuntamiento* de Badajoz a elaborar um projecto para a substituir a actual estrutura, que ameaça aluimento. O movimento *Não Apaguem a Memória* quis assumir, desta forma, o seu apoio à luta que está a ser desencadeada pela Associação para a Recuperação da Memória Histórica da Extremadura, contra o derrube do actual muro do cemitério.

Através de uma carta enviada à Junta da Extremadura, o movimento português classificou o derrube da histórica parede onde muitos republicanos foram encostados para serem fuzilados como “um atentado contra o património” e pediu ao seu congénere extremeño que defenda “os símbolos locais do terror golpista de 1936 praticado no cemitério de Badajoz”, lembrando que também



DANIEL ROCHA

**Povo de Barrancos salvou mais de mil refugiados**

persegue o mesmo objectivo em Portugal, para que “não se apague a memória da luta contra a ditadura de Salazar”.

Na carta enviada às autoridades espanholas, o movimento *Não Apaguem a Memória* lembra que em Portugal, como em Espanha, existe “um inimigo na defesa do património”, referindo-se à “pressão dos agentes imobiliários para reconverter espaços e edifícios marcados de forte simbolismo pela repressão fascista” perante a indiferença dos organismos do Es-

tado, que estão “ausentes na defesa dessa memória”.

Pormenores dos trágicos acontecimentos que tiveram lugar no cemitério de Badajoz, em 1936, estão retratados no livro *Barrancos na encruzilhada da Guerra Civil de Espanha - Memórias e Testemunhos*, de Maria Dulce Antunes Simões, editado em Setembro de 2007 pela Câmara Municipal de Barrancos. A dado passo, o livro recorda que, num dos períodos mais negros da história peninsular, “havia iniciativas da Legião Portugue-

## Fumaceira

Corpos incinerados no cemitério de San Juan

O resultado da chacina na praça de touros espanhola, como se recorda na obra de Maria Dulce Simões, redundava “na fumaceira” produzida pela incineração dos corpos no cemitério onde o *ayuntamiento* de Badajoz quer agora fazer obras. O fumo negro “via-se em Portugal”, descreve o testemunho de um português que observara de perto a “matança de Badajoz”. Algumas das vítimas tinham sido trazidas de Portugal onde se refugiaram para fugir à guerra. Só para Elvas tinham vindo mais de dois mil fuggitivos, enquanto em Barrancos o povo local salvou mais de mil refugiados de serem fuzilados na praça de touros ou no cemitério de Badajoz.

sa de Beja que realizava excursões em autocarro a Badajoz, só para assistir aos fuzilamentos dos *rojos*”.

Para além do cemitério de San Juan, os prisioneiros capturados ou que se tinham rendido eram “encurrallados na praça de touros (de Badajoz) e fuzilavam-nos às centenas”. O comandante das tropas franquistas, general Yagüe, admitiu aos jornalistas que à época faziam a cobertura do dramático acontecimento, que “os fuzilamentos andariam à volta dos dois mil”.